

WATCHMEN
No. 3 of 12 \$1.50 \$2.10/CAN



WATCH



NOVEMBER 1986

ALLOUT

HELTER

DELIRANTE, VI AS VELAS
NEGRIAS DO NAVIO INTERNAL.
ESTAMPADES OS CEUS
AMARILLOS DAS ANTILHAS
E RECONHECI O ODOR
FETIDO DE POLVORA.
MASSA CINZENTA HUMA-
NA E GUERRA.

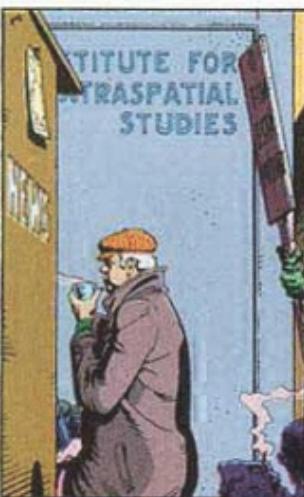
A GENTE
DEVA
BOMBARDEAR
LOGO A RUSSIA E
SEJA O QUE
DEUS QUISER.



O JUIZ DE TODA A TERRA

criado por ALAN MOORE roteirista & DAVE GIBBONS ilustrador / JOHN HIGGINS colorista









ELE JÁ NÃO SE RELACIONAVA MAIS COMIGO, NEM EMOCIONAL NEM SEXUALMENTE.

TRES ANOS DEPOIS, ELE ME TROCOU POR UMA NINFEIA DE 16 ANOS QUE ANDAVA PELA RUA DE CALÇINHA.



"NUM DIA ELE VAI VER, VAI VER QUAL É A SENSAÇÃO."

"ENTENDO, ENTÃO, SRA. SLATER, COMO SE SENTE AGORA QUE SOUBE DO SEU ESTADO DE SAÚDE?"

AMARGA, AMARGA COMO FEL COMECEI A FUMAR! TRÊS MAGOS POR DIA! PENSEI: "POR QUÉ NÃO?"

EU NÃO TENHO MAIS ILUSÕES...



"AFINAL, NINGUÉM VAI SENTIR MINHA FALTA! QUANDO EU MORRER, NINGUÉM VAI LIGAR. TENHO CERTEZA."

"PRINCIPALMENTE ELE."



SABE, ELE NÃO LIGA, NUNCA ENVELHECE! E O QUE... -AHN-HUH- DESculpe...

É POR ISSO QUE ESTOU ME ABRINDO COM VOCES. QUERO QUE O MUNDO SABIA SOBRE ELE... SOBRE O QUE FEZ COMIGO...

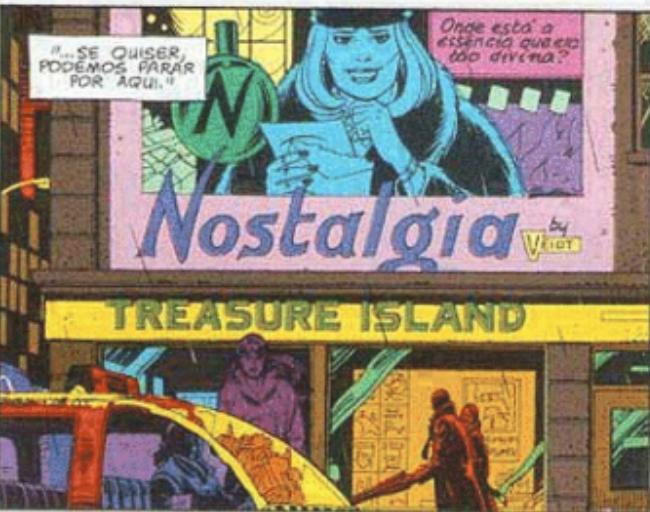


"GUARDEI SEGREDO TODOS ESSES ANOS, MAS AI ACONTEceu ESSA ÚLTIMA DESGRACA E EU TIVE QUE DESABAFAR..."

"-AHN-HUH!"

"DESCULPE."





TREASURE ISLAND



HÃ... ENTRÉ! QUE BOM
TE VER. DESCULPA
TODA ESSA BAGUNÇA...
EU MANDEI
INSTALAR OUTRA
FECHADURA.

PODE
DEIXAR
CARA. EU TO
QUASE NO
FIM.

HÃ...
ÓTIMO.
OSRI-
GADO.

VAMOS
ATE A
COZINHA
QUE EU
PREPAROU UM
CAFÉ.

ENGRACADO...
EU TAVA
QUERENDO
ENCONTRAR COM
VOÇÊ PRA AGRA-
DECER O JANTAR
DA SEMANA
PASSADA...

ACHEI QUE
TALVEZ FOSSE
AO ENTERRO, MAS
JON DISSE QUE
VOÇÊ TINHA IDO
VISITAR SUA
MÃE.

SENTA
AQUI...

VOÇÊ USA
AGUAR
NO
CAFÉ?

GORDIAN
KNOT
LOCK
CO.

HÃ...
SIM.
DOIS
CUBOS.

TUDO
BEM.

COMO ESTÁ
SUA MÃE?
HOLLIS
MASON
PERGUNTOU
SOBRE ELA
OUTRO
DIA...

AH...
ESTÁ BEM.
MUITO BEM.

SACO;
ACHEI QUE
TIVESSE
MAIS
AGUAR.
TUDO BEM.
UM CUBO OU
EU SAIO
PRA...

NÃO.
UM CUBO
TA BOM.
UM...

UNHUNH

UNHUNHUNH

~, UNHUNH~

HÃ... LAURIE?
EI... O QUE
ACONTECEU?

~AHUNH~

~FNFF~
OH, DEUS,
EU SINTO
MUITO...

EI, TUDO
BEM.
PEGUE
UM
LENÇO DE
PAPEL...

OHA... HÃ... SEJA O
QUE FOR. QUE ESTA
ABORRECIDO VOCÊ
NÃO É O FIM DO
MUNDO, CERTO?

EU
DEIXEI O
JON.

AR,
ENTENDI
ISSO. E...
HA...

DESCULPE, NÃO
SEI POR QUÉ ESTOU
TE INCONMODANDO.
E QUE...

É QUE EU
NÃO CONHEÇO
MAIS NINGUÉM!
NÃO CONHEÇO
NINGUÉM ALEM
DE MALDITOS
SU-SUPER-
HERÓIS.









ATÉ ONDE EU SEI, NÃO HÁ SITUAÇÃO NO AFGANISTÃO QUE EXISTA NO MOMENTO A MINHA ATENÇÃO.

MUITO BEM, AGORA QUE TAL VOCÊ ALÍ? ISSO, VOCÊ MESMO. E, POR FAVOR...

"...VAMOS TENTAR SER BREVES."



DR. OSTERMAN, EU SOU DONG ROTH, DO NOVA EXPRESS.

O SENHOR SE LEMBRA DE WALLY WEAVER? NO COMEÇO DOS ANOS 60 OS JORNais O CHAMAVAM DE "O COMPANHEIRO DO DR. MANHATTAN".

ELE MORREU DE CANCER EM 1971.



WALLY ERA UM BOM AMIGO. EU FUI AO ENTERRO DELE.

MESMO?

E EDGAR W. JACOBI, TAMBÉM CONHECIDO COMO MOLOCH, O SENHOR, O ENCONTROU VÁRIAS VEZES NOS ANOS 60 EM BATALHAS, CONFLITOS...

"...OU SEJA LA" O QUE VOCÊS SUPERTIPOS FACAM..."



SABIA QUE
JACOB
TAMBÉM ESTA
COM CÂNCER
TERMINAL?

MOLOC...?
NÃO...
NÃO SABIA
MAS PREFERI
NÃO...

O PROBLEMA,
DOUTOR?
NÃO ESTA
GOSTANDO
DAS PESSO-
IAS?

"ESTOU FAZENDO COM
QUE SE SINTA POUCO
CONFORTEVEL!"

TAL ESTÁ... SABIA
QUE JANEY SLATER,
COM QUIEM VOCÊ TEVE
UM RELACIONAMENTO
AMOROSO NOS
ANOS 60, ESTA
COM CÂNCER NO
PULMÃO?

OS MÉDICOS
DERAM A
ELA SEIS
MESSES DE
VIDA.

PERCEBE A
CONEXÃO?

"PORQUE DO MEU PONTO
DE VISTA ESTA COME-
GANDO A PARECER
CONCLUSIVO."

JANEY...?
NA-NÃO
ME DISSE-
RAM...

ESTA... ESTA
SUGERINDO
QUE...?

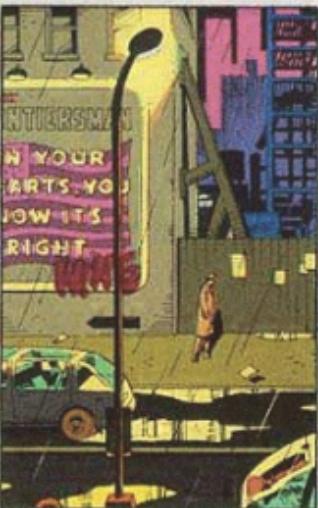
MUITO
BEM!
CHEGA DE
PERGUNTAS!
O DOUTOR
ESTA CANSADO
SINTO
MUITO
PESSOAL...

"... MAS O
PROGRAMA
ACABOU."





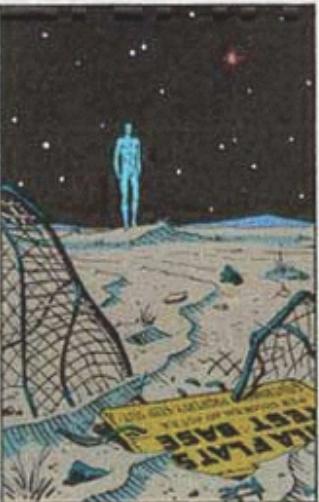
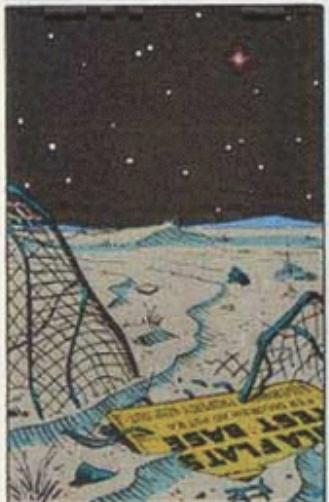


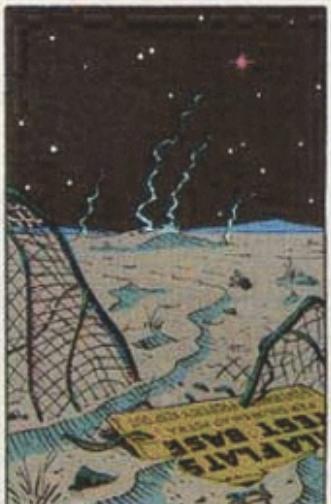
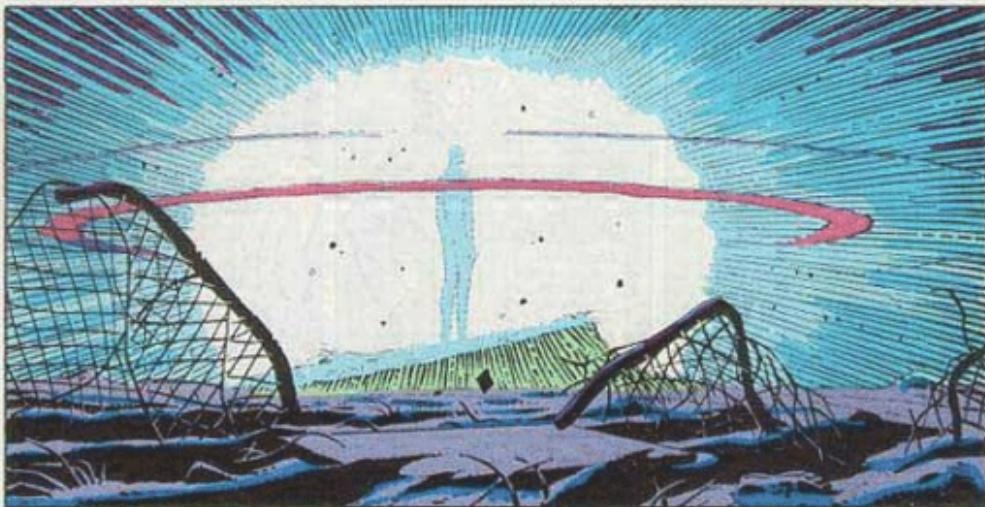


EDITED REPLAY

















"SR. PRESIDENTE? A ÚLTIMA ANÁLISE JÁ FOI CONCLUÍDA. SE OS SOVIÉTICOS AVANÇAREM ATÉ O PROVÍSTRO, EXISTE 60% DE CHANCE DE QUE TENTEM TOMAR A EUROPA OCIDENTAL."

"HA. SE ELE QUERIA VIVER NUM PLANETA VERMELHO, DEVERIA TER FICADO AQUI MESMO."



"E ESTOU FALANDO DE DEVASTAÇÃO TOTAL."



"A QUALQUER MOMENTO O SENHOR TERRA UMA VISÃO GERAL."



"LONGE DAQUI,
HENRY!"

"OH-OH, LÁ SE
VÃO BOSTON...
NOVA YORK...
BALTIMORE..."



"...É DE
PERDER O
FOLEGO."

"VOCÊ TEM
UMA PROSEGAÇÃO
DA CONTA-
MINAÇÃO
DISSO TUDO?"

EM INSTANTES.
COM A DIREÇÃO DO
VENTO ANTECIPADA,
PROVAVELMENTE O MÉXICO
VAI SOFRER O PIOR
QUADRO. É POSSÍVEL
QUE BOA PARTE DO
NOSO CINTURÃO
AGRICOLA SE
SALVE..."

"SE
PERDERMOS
A COSTA LESTE,
VAMOS
PRECISAR, SEI
LA..."

"SEMPRE ESPEREI QUE A GRANDE
DECISÃO RECAISSE SOBRE
OUTRA PESSOA!"

"ISSO VAI EXIGIR MUITA
PONDERAÇÃO."



"TOTALMENTE INDIFERENTES!"



Não faria justiça o Juiz de toda a terra? — GÊNESIS, capítulo 18, versículo 25.



SOB O CAPUZ

V.

Os Minutemen não entraram nos anos 50 com uma comemoração de Natal semelhante à que haviam feito dez anos antes, e talvez essa discrição tenha sido apropriada. A década que se seguiu à debandada do grupo foi fria e árida, tanto para mim em particular quanto para os aventureiros mascarados em geral. Além disso, pareceu durar uma eternidade.

Acho que o pior de tudo foi a percepção tardia de que não passamos de uma moda, algo para preencher as colunas vazias dos jornais juntamente com Hula Hoop e Jitterbug. Desde que Sally Jupiter casou com o seu empresário, os incansáveis e astutos esforços dele como publicitário tornaram-se perceptivamente ausentes. Ele percebeu que a era dos heróis fantasiados havia chegado ao fim — embora nós continuássemos em atividade — e saiu de cena enquanto ainda estava em evidência. Consequentemente, vimos os nossos feitos serem noticiados com frequência cada vez menor. Quando relatados pela imprensa, o tom era irônico. Lembro-me de um monte de piadas sobre justicieros mascarados nos primórdios dos anos 50. A mais leve sugeria que éramos chamados de Minutemen (*Homens-Minuto*) por causa do nosso desempenho na cama. Havia uma infinidade de piadas sujas sobre Sally Jupiter. Sei disso porque ela mesma me contou a maioria delas na última vez que nos vimos.

Sally teve uma menina chamada Laurel Jane em 1950, e parece ter sido mais ou menos nessa época que os problemas conjugais dela começaram. O assunto já foi amplamente discutido, por isso não creio que seja necessário repetir os detalhes aqui. Basta dizer que o casamento terminou em 1956 e desde então Sally realizou um trabalho de primeira educando a filha para ser uma jovem brilhante e cheia de vida da qual qualquer mãe teria orgulho.

O mais marcante nessa década em particular é que foi nela que as coisas começaram a ficar sérias. Lembro-me de ter pensado, na época, como era irônico que quanto mais sérias ficavam as coisas mais eficiente tornava-se o Comediante. De todo o nosso grupo, ele era o único que ainda continuava presente nas primeiras páginas, aparecendo em manchetes ocasionais. Devido à sua atuação militar ele fez ótimas relações governamentais e parecia estar se tornando uma espécie de símbolo patriótico. No auge da era McCarthy, ninguém tinha dúvidas a respeito de onde os pés do Comediante estavam plantados na política.

O mesmo não poderia ser dito sobre o restante de nós. Todos tivemos de testemunhar perante o Comitê de Atividades Anti-Americanas do Congresso, e fomos forçados a revelar nossas verdadeiras identidades a um de seus representantes. Por mais irritante que fosse, isso não acarretou problemas imediatos para a maioria de nós. Com a ilustre folha de serviços militares do Capitão Metrópolis e com o meu desempenho na força policial, nós dois estivemos mais ou menos fora de suspeita por um tempo. O Mariposa teve mais dificuldades, principalmente por causa de algumas amizades de esquerda que cultivou durante os dias de estudante. Ele acabou sendo inocentado, mas as investigações foram demoradas e impiedosas e acho que a pressão a que foi submetido marcou o envolvimento dele

Apresentamos aqui trechos de *SOB O CAPUZ*. Neste capítulo, Hollis Mason discute os traumas dos anos 50 e o surgimento dos novos super-heróis. Reproduzido com a permissão do autor.



1949: Sally Jupiter casa-se com Laurence Schexnayder. Você consegue identificar os rostos famosos na multidão?

com a bebida, o que contribuiu para os seus futuros problemas mentais.

Somente o Justiceiro Encapuzado recusou-se a testemunhar, alegando que não estava preparado para revelar a sua verdadeira identidade. Quando pressionado, ele simplesmente desapareceu... ou pelo menos foi o que pensamos. Desaparecer não é problema quando se é um herói fantasiado. Basta tirar o traje. É bem provável que o Justiceiro Encapuzado tenha preferido se aposentar a ter que abrir o jogo, o que pareceu satisfazer plenamente as autoridades.

O único detalhe referente ao desaparecimento do primeiro aventureiro mascarado da América que ainda me incomoda foi trivial e talvez não tenha qualquer relação com o caso. Ele veio à tona num artigo publicado em *The New Frontiersman* quase um ano depois de o Justiceiro Encapuzado ter sumido. O autor mencionava o desaparecimento de um renomado homem forte de circo chamado Rolf Müller, que havia pedido demissão de seu trabalho na época das audiências do subcomitê do Senado. Três meses depois um corpo em decomposição identificado como sendo de Müller foi retirado do mar na altura da costa de Boston. Supondo que o corpo realmente fosse do renomado halterofilista, ele havia sido baleado na cabeça. O artigo insinuava que Müller, cuja família era da Alemanha Oriental, teria fugido com medo de ser descoberto na época em que a Caça às Bruxas comunistas estava no auge. O texto sugeria ainda que Müller provavelmente havia sido executado por seus superiores vermelhos.

Eu sempre meditei a respeito. Müller sumiu praticamente na mesma época em que o Justiceiro Encapuzado apareceu pela última vez, e os dois tinham complexões físicas semelhantes. Quer o corpo encontrado nas praias de Boston pertencesse a Müller ou não, nem ele e nem o Justiceiro Encapuzado jamais foram vistos novamente. Seriam eles a mesma pessoa? Caso fossem, estariam mesmo mortos? E se estivessem, quem os matou? Estaria o Justiceiro Encapuzado trabalhando para os comunistas? Não sei. A vida real é complicada e incoerente e é raro algum mistério ser realmente solucionado. Levei muito tempo para perceber isso.

Um dos maiores problemas que os heróis enfrentaram naqueles anos foi a ausência de um inimigo fantasiado digno de nota. Acho que nenhum de nós percebeu o quanto precisávamos daqueles cretinos até que eles começaram a escassear. Quando somos as únicas pessoas a partir para uma briga vestindo fantasias a tendência é parecermos idiotas. Se os vilões tomassem parte nisso não pegaria tão mal, mas sem eles era sempre constrangedor. Nunca houve tantos criminosos fantasiados quanto heróis, e no final dos anos 40 a diferença tornou-se muito mais acentuada.

A maioria dos vilões desistiu de suas fantasias juntamente com as carreiras criminosas, mas alguns simplesmente optaram por uma abordagem menos extrovertida e mais lucrativa. Os vilões da nova safra, a despeito de seus nomes chamarivos, eram homens comuns que vestiam ternos e cometiam delitos envolvendo drogas e prostituição. Não que causassem menos problemas... longe disso. Apenas eles não eram tão divertidos de se enfrentar. Todos os casos que investiguei nos anos 50 eram sórdidos,



Justiceiro Encapuzado (à esquerda) e Rolf Müller (à direita): seriam os dois o mesmo homem?

SOB O CAPUZ

deprimentes e frequentemente aterradores. Não sei o que acontecia... parecia haver um sentimento lúgubre e intranquilo no ar. Era como se algum elemento essencial de nossas vidas estivesse desaparecendo antes mesmo que soubéssemos do que se tratava. Não creio que eu possa descrevê-lo a não ser para alguém que se lembre da incrível euforia que tomou conta de todos nós após a guerra: era como se tivéssemos suportado o pior do Século 20 e continuássemos de pé. Sentímos como se houvéssemos conquistado uma merecida era de paz e prosperidade que nos acompanharia para além do ano 2000. Esse otimismo durou toda a década de 40 e início dos anos 50, mas depois disso começou a definhar, dando lugar a uma espécie de sensação agourenta.

Em parte foram os beatniks, os músicos de jazz e os poetas que começaram a condenar os valores americanos sempre que abriam a boca. Em parte foi Elvis Presley e todo o estrondo do Rock 'n' Roll. Então nós havíamos travado uma guerra para que as nossas filhas ficassem gritando e babando por jovens daquele *aspecto*, que cantavam daquele *jeito*? Com todas essas repentinhas convulsões sociais justamente quando achávamos que tínhamos posto tudo em ordem, foi impossível atravessar os anos 50 sem a sensação de que uma catástrofe iminente estava pairando sobre o país inteiro, o mundo todo. Algumas pessoas achavam que fosse a guerra, outros, os discos voadores, mas não era isso que ameaçava desabar sobre nós. O que realmente iria cair sobre as nossas cabeças seriam os anos 60.

Essa década, juntamente com a mini-saia e os Beatles, trouxe para o mundo algo que foi mais significativo do qualquer outra coisa — seu nome era Dr. Manhattan. A chegada do Dr. Manhattan tornaria os termos "herói mascarado" e "aventureiro fantasiado" tão obsoletos quanto as pessoas que eles descreviam. Uma outra expressão entrou para o vocabulário ao mesmo tempo em que um novo e quase aterrador conceito penetrou em nossas consciências. Essa foi a alvorada dos Super-Heróis.

A existência de Manhattan foi anunciada ao mundo em março de 1960 e duvido que alguém no planeta não tenha sentido o mesmo turbilhão de emoções quando soube da notícia. Entre essas sensações, havia a descrença. A idéia de um ser que podia atravessar paredes, mover-se de um lugar ao outro sem percorrer a distância entre os dois pontos ou rearranjar completamente as coisas com um reles pensamento era simplesmente impossível. Por outro lado, quem trazia tais notícias era o nosso próprio governo, e a noção de que as autoridades pudessem estar inventando tudo era igualmente improvável. Face a essa contradição, aos poucos tornou-se mais fácil aceitar a irrealdade quase onírica daquelas primeiras imagens filmadas: um homem azul derretendo um tanque com um gesto de mão ou fazendo os fragmentos de um fuzil desmontado flutuarem no ar sem que ninguém os tocasse. Uma vez compreendidos como realidade, no entanto, tais fenômenos tornaram-se menos difíceis de digerir. Se você aceitar como real um fuzil flutuando no ar, também terá de aceitar que tudo o que pensava ser verdadeiro talvez seja irreal. Essa intranquilidade é algo com o qual a maioria de nós aprendeu a viver no decorrer dos anos e se faz presente ainda hoje.

As outras emoções que acompanharam o anúncio eram mais difíceis de identificar. Havia uma certa exaltação... como se de repente Papai Noel tivesse se tornado real. Juntamente com esses sentimentos, existia uma terrível e inigualável sensação de medo e incerteza. Embora fosse difícil defini-la com precisão, se eu tivesse de traduzir em palavras, elas seriam: "*Nós fomos substituídos*". Não estou me referindo apenas à fraternidade dos heróis fantasiados destituídos de poderes, embora o surgimento do Dr. Manhattan tenha sido um dos fatores que despertaram em mim uma crescente impressão de obsolescência que me levou à decisão de abandonar a vida de herói. Apesar de os vigilantes mascarados terem realmente se tornado ultrapassados, o mesmo pode-se dizer dos demais seres vivos do planeta. Não creio que a sociedade tenha percebido em toda a sua plenitude o que a chegada do Dr. Manhattan implicou. É só pensar, por exemplo, em como isso mudou todos os detalhes de nossas vidas.

Embora de longe tenha sido o mais proeminente dos heróis fantasiados da "Nova Geração", o Dr. Manhattan não foi o primeiro e muito menos o último deles. Nos derradeiros meses de 1958, os jornais mencionaram que uma grande rede de tráfico de ópio e heroína havia sido desbaratada por um jovem aventureiro chamado Ozymandias. Aparentemente, ele havia conquistado grande reputação no submundo do crime por sua inteligência implacável, sem mencionar uma grande destreza atlética.

Conheci Ozymandias juntamente com o Dr. Manhattan em um evento de caridade em junho de 1960. Ozymandias pareceu-me muito simpático, mas achei o Dr. Manhattan um tanto distante. Talvez a culpa tenha sido minha, uma vez que eu sempre tive dificuldade em relaxar quando ele estava por perto, mesmo depois de eu ter me acostumado com o choque que a sua presença provocava. É uma sensação estranha... a primeira vez que você o encontra seu cérebro quer gritar, derreter um fusível e desligar imediatamente, recusando-se a aceitar que ele existe. Isso dura alguns minutos, durante os quais o Dr. Manhattan continua lá. No fim você simplesmente o aceita porque ele está ali falando e com o tempo tudo parece quase normal.

Quase.

Seja como for, naquele evento benéfico — acho que em prol do combate à fome na Índia promovido pela Cruz Vermelha — muitas coisas tornaram-se evidentes para mim. Diante dos outros aventureiros ali presentes não fiquei nada feliz com o que vi. O Comediante circulava no saguão impondo a sua personalidade arrogante e o seu detestável charuto a quem quer que se aproximasse. O Mariposa estava lá, com o copo na mão, arrastando as palavras e articulando frases incoerentes. O Capitão Metrópolis também havia comparecido, a barriga estufada apesar de um estrito regime de exercícios da Força Aérea canadense. Por fim, deixando os dois heróis mais jovens de lado, lá estava eu: 46 anos e começando a sentir o peso da idade, ainda tentando me equivaler a sujeitos que podiam desintegrar montanhas com um estalar de dedos. Acho que quando esse momento de autoconsciência se abateu sobre mim eu decidi finalmente pendurar a máscara e arranjar um emprego decente. Eu já podia ter me aposentado da polícia havia algum tempo e comecei a me indagar o que gostaria de fazer agora que a emoção da aventura desaparecia. Revendo a minha vida, tentei discernir o que fiz durante os momentos mais felizes a fim de formar uma boa base para a minha satisfação futura.

Depois de muita deliberação conclui que nunca fui mais feliz do que quando ajudava o meu pai a pôr para funcionar algum motor obstinado na oficina de Moe Vernon. Após uma vida de combate ao crime, nada me parecia mais agradável do que passar os meus últimos anos entre as paredes de minha própria oficina fazendo antigos veículos funcionarem novamente.

Em maio daquele ano, 1962, foi exatamente o que resolvi fazer.

Eu me aposentei. Para consertar carros. Provavelmente pelo resto da vida. Ao que me toca, parte da arte de ser um herói é saber quando você não precisa mais ser um deles, perceber que o jogo mudou, que os valores estão diferentes e que não há necessariamente um lugar para você neste novo e estranho panteão de seres extraordinários. O mundo continuou avançando, e eu estou satisfeito em assistir a tudo de minha poltrona com uma cerveja na mão e o cheiro de óleo de motor em meus dedos.

Um pouco do meu contentamento vem do fato de que os meus 23 anos por trás da máscara talvez não tenham sido de todo inconsequentes. Sei disso devido a uma carta escrita por um jovem cujo nome não estou autorizado a revelar. Ele me falou de sua grande admiração por meus feitos como o Coruja e propôs que, já que eu estava aposentado e não ia mais usar esse nome, talvez ele pudesse tomá-lo emprestado para seguir o meu exemplo e se tornar um combatente do crime. Desde o nosso primeiro contato tive a oportunidade de visitar a sua casa e vi parte da fabulosa tecnologia que ele pretende pôr em prática na guerra contra o crime. Fiquei impressionado demais para recusar a ele o uso do que sempre considerei um nome muito tolo. Portanto, quando este livro for publicado, talvez haja um novo Coruja patrulhando as ruas de Nova York. Também fui informado por Sally Jupiter de que, assim que tenha idade suficiente, a pequena Laurie quer ser uma super-heróina como a mãe. Vejam só. Parece que, de uma moda passageira, os super-heróis tornaram-se parte do modo de vida americano. Eles vieram para ficar.

Para o que der e vier.

Na próxima quinzena republicaremos trechos selecionados de *Dr. Manhattan: Superpoderes e Superpotências*, o influente livro do professor Milton Glass.

